



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

NATAL SILICONADO

Marcos Roberto Inhauser

Estava em um aeroporto esperando um voo que estava atrasado. Em minha companhia um amigo da mesma idade minha. Eu aproveitava o tempo para ler um livro. A certa altura meu amigo me interrompe:

- Você já notou que hoje há muito mais moças bonitas que na nossa juventude?

A pergunta me pegou de surpresa, mesmo porque nunca tinha pensado nisto. Imediatamente lembrei da esposa e das filhas (que são lindas) e concordei com ele. Pensando um pouco mais, emendei:

- Também pudera. Hoje há mais cosméticos, shampoos, vitaminas, ginásticas, academias, maior cuidado com o corpo, mais saúde. Não é para menos que haja mais beleza que antigamente.

- Sim. Concorde, retrucou o amigo. O problema de hoje e que não havia na nossa juventude é que se você vê uma mulher bonita você não pode ter certeza de que a beleza seja natural. Depois que inventaram o silicone e aperfeiçoaram as cirurgias plásticas, a dúvida se instalou na minha cabeça: é real ou não? Há mulheres siliconadas, "plastificadas" e cosmetizadas, concluiu o amigo.

A conversa me veio à minha mente nestes dias que antecedem o Natal. Como qualquer cidadão urbano, também fui dar minha volta nos shoppings e no centro da cidade, andei por bairros para ver casas iluminadas com as lâmpadas chinesas e taiwanesas. Não há grande diferença aos outros anos: muitas luzes, enfeites, árvores, bolas, coroas, etc.

Mas desta vez, por uma destas associações que a mente faz e que não sabemos explicar por quê, a conversa do aeroporto me veio à mente.

Assim como as mulheres siliconadas apresentam atributos não-naturais, mais vistosos e bonitos, há um efeito siliconizante nos enfeites de Natal e nas decorações comerciais. Há um elemento sedutor nos balangandãs típicos desta época, em uma tentação que visa a levar as pessoas a gastarem mais do que podem, a consumir o que é supérfluo, a acreditar no acessório como se fosse o essencial. Há um quê de convencer que o algo mais que se tem neste mês é fundamental para a felicidade, assim como as plásticas e os silicones são vendidos e comprados como panaceia para a baixa autoestima e para as conquistas maiores da vida.

Esta é a comemoração natalina de muitos e que atire a primeira pedra quem nunca caiu nesta tentação: os silicones da champanhe, do pernil, da roupa nova, do carro novo. O problema é que há muito mais silicone no Natal que na nossa juventude.